



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE ECONOMIA ECOLÓGICA
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**

LUANA MARIA SANTOS MATOS

**CRISE ECOLÓGICA E QUESTÃO AMBIENTAL: UM RECORTE
ECOSSOCIALISTA**

FORTALEZA

2023

LUANA MARIA SANTOS MATOS

CRISE ECOLÓGICA E QUESTÃO AMBIENTAL: UM RECORTE ECOSSOCIALISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Economia Ecológica do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Economista Ecológica.

Orientadora: Dra. Maria do Céu de Lima

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M381c Matos, Luana Maria Santos.
Crise ecológica e questão ambiental: um recorte ecossocialista / Luana Maria Santos Matos. – 2023.
32 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Agrárias, Curso de Economia Ecológica, Fortaleza, 2023.
Orientação: Profa. Dra. Maria do Céu de Lima.

1. Ecológica. 2. Ecossocialismo. 3. Natureza. I. Título.

CDD 577

LUANA MARIA SANTOS MATOS

CRISE ECOLÓGICA E QUESTÃO AMBIENTAL: UM RECORTE ECOSSOCIALISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Economia Ecológica do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Economista Ecológica.

Orientadora: Dra. Maria do Céu de Lima

Aprovada em: 11/10/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria do Céu de Lima (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Gil Célio de Castro Cardoso
Universidade Federal do Ceará

Prof.: Ms. Francisco Amistardam Silva Sousa
Rede Municipal de Fortaleza

A Deus.
Aos meus pais, Lucineide e José.

AGRADECIMENTOS

Sinto uma enorme gratidão aos meus pais, Lucineide e José.

Obrigada a todos aqueles que dedicaram tempo e paciência para ensinar-me o novo.

Sou grata por ter vivido a Economia Ecológica todos os anos da graduação, por ser lembrada por meus colegas da turma de 2017.2, e feliz por ter compartilhado tantos momentos incríveis com minha amiga Mariana Antão.

Reconheço o esforço da Dra. Maria Inês Escobar da Costa e do Dr. Fábio Sobral em passar seu conhecimento para mim, foi importante para meu crescimento intelectual, obrigada.

Aprecio a força intelectual da Dra. Maria do Céu de Lima, minha professora e orientadora, que está comigo neste início de um novo ciclo, obrigada!

RESUMO

O tema deste trabalho de conclusão de curso é um recorte da dinâmica existente na crise ecológica, que envolve tecnologias inovadoras, necessidades sociais e conflitos ambientais, onde o ecossocialismo apresenta a realidade das hostilidades modernas. Propomos analisar as mudanças e transtornos causados pelo sistema econômico atual. Nesta época em que sentimos as consequências da falta de zelo pela natureza, incumbe-nos ponderar o destaque da produção de conhecimento científico que possa estabelecer ferramentas para concretizar elucidações para a compreensão social da necessidade de análise ecológica, bem como realizar determinados movimentos para atingir soluções para os problemas causados pelo atual sistema econômico e que sejam capazes de contribuir e reconhecer as repercussões das atuais formas de produção globalizada e pontuar as incitações que se estabelecem por se viver no século XXI. Para tal, empregamos como dispositivo para a coleta de elementos a pesquisa bibliográfica, mediante o assunto obtido no referencial teórico sobre a contribuição ecossocialista para levantar análises para a crise ecológica vigente. A começar pela análise de dados, houve a possibilidade de percepção para a dificuldade em acessar o cerne dos problemas que se sucedem no consumo crescente, propondo uma readequação na estratégia de mudança que envolve especialistas fundamentais nesse diálogo evidenciando a necessidade deste estudo. As ferramentas metodológicas envolvidas na compreensão ecológica aparentam a grandiosidade do papel do pesquisador que investe tempo e desejo de contribuição nas sistematizações presentes buscando estratégias ecologicamente sustentáveis. Em síntese, através do estudo praticado e das sugestões antissistema expressadas, foi possível reconhecer como se move o sistema dominante econômico. Que há a possibilidade de deter a crise ecológica, fomentando soluções com amor à natureza, aliada à juventude e tecnologia, aos pesquisadores ecologistas e aos ecossocialistas.

Palavras-Chave: Ecológica. Ecossocialismo. Natureza.

ABSTRACT

The theme of this final course is a snapshot of the dynamics of the ecological crisis, which involves innovative technologies, social needs and environmental conflicts, where ecosocialism presents the reality of modern hostilities. We propose to analyze the changes and upheavals caused by the current economic system. At a time when we are feeling the consequences of a lack of care for nature, it is incumbent on us to consider the importance of producing scientific knowledge that can establish tools for elucidating the social understanding of the need for ecological analysis, as well as making certain moves to achieve solutions to the problems caused by the current economic system and that are capable of contributing to and recognizing the repercussions of the current forms of globalized production and punctuating the incitements that are established by living in the 21st century. To this end, we used bibliographical research as a means of gathering data, based on the theoretical framework on the ecosocialist contribution to raising awareness of the current ecological crisis. Starting with the data analysis, there was the possibility of perceiving the difficulty in accessing the core of the problems that arise from growing consumption, proposing a readjustment in the strategy for change that involves fundamental specialists in this dialog, highlighting the need for this study. The methodological tools involved in ecological understanding show the greatness of the role of the researcher who invests time and the desire to contribute to systematizations in search of ecologically sustainable strategies. In summary, through the study carried out and the anti-system suggestions expressed, it was possible to recognize how the dominant economic system moves. That there is a possibility of halting the ecological crisis by promoting solutions with a love of nature, combined with youth and technology, ecologist researchers and ecosocialists.

Keywords: Ecological. Ecosocialism. Nature.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

GEE Gases do Efeito Estufa

IPCC Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima

OMM Organização Meteorológica Mundial

PIB Produto Interno Bruto

Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (ONU Meio Ambiente)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 QUESTÃO AMBIENTAL, CRISE ECOLÓGICA.....	13
3 SISTEMA DOMINANTE DE PRODUÇÃO DE MERCADORIAS.....	16
4 O QUE É ECOSSOCIALISMO DE MICHAEL LÖVY.....	19
5 O ECOSSOCIALISMO: OLHARES INTERPRETATIVOS DE KARL MARX.....	21
6 A CORRENTE ECOSSOCIALISTA.....	24
7 O que é possível aprender com a leitura das obras de Löwy e Saito?.....	27
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

Ser pesquisador requer o estímulo pela dúvida, no desejo de buscar entendimento sobre problemáticas que surgem, por exemplo, no processo formativo. Nos ensinamentos de base prática do curso de Economia Ecológica percebia-se o dinamismo dos fenômenos econômicos, culturais e sociais que mereciam ser investigados, incentivando a continuação da pesquisa que se aprimorava a cada relato de pesquisa que visitava. A contribuição do processo formativo na escolha deste projeto tem a ver com o objetivo de discutir o relacionamento de ideias entre a economia ecológica e o ecossocialismo, que apontam o potencial de apresentar a realidade dos processos que desequilibram os ecossistemas. Os ensinamentos em economia ecológica possibilitam uma visão global e local, contribuindo com a percepção de problemáticas ambientais de pequena e grande dimensão, todas com sua parcela de responsabilidade.

O tema deste trabalho de conclusão de curso, juntamente com a questão de pesquisa, foi escolhido e tem referência no projeto pedagógico do curso de Economia Ecológica (bacharelado), ofertado pelo Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Ceará, que traz apontamentos sobre como se dá a formação do perfil profissional de um do formando em Economia Ecológica. Requer um olhar sistêmico que seja capaz de identificar as configurações econômicas que formam o atual sistema de riqueza planetária e o momento do ciclo de consumo de materiais que afetam a natureza em sua totalidade.

Outro aspecto importante é que a trajetória acadêmica influenciou na escolha do referencial teórico para explorar as possibilidades de abordagem do ecossocialismo como estudo político que traz questionamentos sobre o processo de capitalização dos recursos naturais. A sociedade que detém poder e pensamento para modificar espaços naturais está ativa, mas há limites protetivos que devem ser respeitados para uma boa convivência e preservação para as gerações futuras.

A escolha do tema veio do pensamento formativo político que construímos ao longo desses anos de curso e que me fez compreender a necessidade de entender a sociedade, que é política, e saber analisar pensamentos para uma posição que favoreça a natureza, que respeite os seres humanos com suas individualidades culturais, possibilitando um diálogo aberto entre o meio acadêmico, profissional e familiar, e gere poder de questionamento nas decisões.

Partimos do pressuposto de que a pesquisa busca respostas quando existem questionamentos do(s) pesquisador(es) ainda não respondidos acerca de um tema. No caso, instigá-los a refletir sobre a inter-relação entre a economia ecológica e o ecossocialismo. Essa escolha implica realizar um estudo balizado pela pesquisa bibliográfica. A necessidade desse tipo de pesquisa se dá na abordagem qualitativa e requer esforço para se reconhecer o que já existe sobre o tema escolhido, ampliando a intuição da pesquisadora por onde seguir com a pesquisa. Tendo em perspectiva os objetivos propostos, requerem análises fundamentadas de conhecimentos sistematizados que levam às escolhas e à amostragem para seguir na abordagem teórico-conceitual.

Esta investigação foi realizada com os seguintes procedimentos metodológicos: desenvolvimento do processo investigativo no qual as indicações de leituras da pesquisa foram baseadas em uma prática formativa/investigativa do campo de conhecimento. Por isso o referido estudo considera discussões e leituras realizadas nos componentes curriculares do curso de Economia Ecológica e na leitura de obras indexadas nas bases de dados acessíveis no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Essa fase do levantamento bibliográfico ocorreu durante quatro meses, e consistiu em concretizar a busca e seleção de obras de interesse de acordo com a inclusão e exclusão dos critérios definidos na prática; e finalmente as 30 obras selecionadas (livros, revistas e artigos acadêmicos) foram fichadas pela pesquisadora. Os critérios para a inclusão das fontes no banco de dados de interesse para o desenvolvimento da pesquisa foram seguindo de acordo com a escolha do tema de pesquisa, seus recortes e variáveis em discussão sobre a corrente ecossocialista.

Com a revisão de literatura pertinente realizada e o diálogo com o pesquisador e economista ecológico professor doutor Fábio Maia Sobral (professor associado da Universidade Federal do Ceará), foram escolhidos dois autores que se debruçaram sobre a corrente socialista. Com base nas pesquisas secundárias básicas deu-se a escolha do uso qualitativo de informações que evidenciam o poder das palavras e seu potencial dialético. A escolha recaiu sobre os pesquisadores e professores Michael Löwy e Kohei Saito. Esses dois autores escolhidos para sustentação do estudo são apropriados, pois trazem questionamentos atuais, com abordagem necessária diante do agravo das discussões que sucedem sobre a questão ecológica, numa linguagem simples e de livre pensamento. Registre-se sobre a

biografia dos referidos autores: Löwy é um pensador marxista brasileiro consolidado na França, onde é diretor de pesquisas no *Centre National de la Recherche Scientifique*.

Saito é um filósofo japonês que atua como professor na Universidade de Tóquio. Suas pesquisas são sobre ecologia e economia política baseadas na visão marxista. Os dois pensadores, como diversos registros públicos, têm respaldo acadêmico na área do pensamento ecossocialista, que contém muitas das questões que eles relacionam e estudam. Essa escolha reflete a compreensão que as teorias marxistas de base ecológica têm a contribuir com a corrente ecossocialista. Atentemos: nem toda corrente marxista é também ecologista.

A etapa de sistematização de dados permitiu examinar os estudos selecionados para entender o estado da arte na área sob investigação, tendo como forma de abordagem qualitativa para lidar com a análise dos dados pelo autor. O modo de análise escolhido foi o dialético, devido à busca pela argumentação dialogada e o uso da problematização. Sua classificação é exploratória-descritiva devido à busca aprofundada de argumentos para a discussão em tela. Sucessivamente descrevendo o processo escolhido como escopo, chega-se onde permitirá organizar a exposição textual das reflexões e apontar o entendimento sistematizado.

Este trabalho de conclusão de curso estrutura-se em partes, apresentando como surge a problemática ambiental, interpela a crise ecológica e em seguida sistematiza as características gerais do sistema atual dominante. A contribuição de Michael Löwy como base, onde ele faz uma análise de algumas fases do ecossocialismo e define alguns conceitos importantes para o presente trabalho. Aborda a contribuição do Kohei Saito (O Ecossocialismo de Karl Marx), importante para conceituar o ecossocialismo, e sua motivação para a compreensão ecológica moderna. Saito traz conceitos relevantes à discussão proposta e mostra que também tem a contribuir para o diálogo das mudanças.

2 QUESTÃO AMBIENTAL, CRISE ECOLÓGICA

A crise ambiental é relevante na discussão ecossocialista, quando tentamos introduzir questionamentos sobre a cultura de consumo e o poder do conhecimento em como consumir. Os materiais que nós movimentamos no planeta fazem parte de trocas de energia, e essa quantidade de energia fica em desequilíbrio, levando a uma instabilidade de temperatura que desestabiliza o clima e os seres que dependem dele.

A instabilidade de temperatura leva-nos à emergência de buscar soluções. Conforme Milanez (2017), o Acordo de Paris¹ Foi criado como uma tentativa de diminuir a quantidade de Gases do Efeito Estufa (GEE), gases que aquecem o planeta. O acordo quebra o negacionismo de que não exista uma crise ecológica ou que seja sensacionalismo das mídias. O negacionismo é um grupo de pessoas que acreditam não existir problemas de impacto ecológico e propagam essa notícia de inexistência.

Estamos cercados de indústrias e centro urbanos onde se desenvolve um ciclo de vida em torno da modernidade urbana, e a ideia de negar esse ciclo de materiais que utilizamos é negar que somos em parte urbano-industriais, parte de um ciclo econômico com hierarquias trabalhistas. O processo de vida urbano-industrial contribui para a produção de gás carbônico e o aumento do efeito estufa. Há a necessidade de discutir quais atividades contribuem para a crise ecológica e os desequilíbrios climáticos, por isso grupos trabalham há décadas nessa consciência ecológica, a conferência de Estocolmo é um exemplo disso.

Em 1972, aconteceu a Conferência de Estocolmo, quando foram destacados os desequilíbrios que existem no planeta e as soluções possíveis para ajustar esses desequilíbrios nos anos seguintes, conforme De passos (2009). É evidente que existem movimentos em defesa da proteção ambiental. Na década seguinte foi criado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (ONU Meio Ambiente) e pela Organização Meteorológica Mundial (OMM), em 1988, o Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC). Esparta (2009), explica que:

O IPCC foi criado como um grupo de cientistas em um processo consultivo sem precedentes em tamanho e em escopo. A missão do IPCC é a de reunir o maior número possível de cientistas de diferentes países com o objetivo de coletar e analisar a literatura (“peer review,” revisada por pares, ou seja, que passa por um processo de revisão por especialistas no assunto abordado) disponível sobre o aquecimento global e consolidar relatórios sobre a ciência, possíveis impactos e políticas de resposta às mudanças climáticas (Agrawala, 1997).

Ainda sobre os diálogos de grupos que desejam articular o pensamento ecológico.

¹ NEGOCIADO NA 21ª Conferência do Clima (COP-21) das Nações Unidas, o Acordo de Paris representa o novo marco jurídico de luta contra o aquecimento global e será “legalmente vinculante”, ou seja, de cumprimento obrigatório. É o primeiro grande entendimento internacional desde o Protocolo de Kyoto, em 1997. SECAF, Beatriz Stuart. O acordo de Paris. **Agroanalysis**, v. 36, n. 1, p. 34-35, 2016.

Em 1992, na cidade do Rio de Janeiro, aconteceu a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Cúpula da Terra), que reuniu chefes de Estados para discutir maneiras sustentáveis de desenvolvimento. Globalmente, percebemos que existem grupos que desejam a diminuição dos danos causados pela emissão de carbono. A sociedade pode trabalhar em conjunto com iniciativas sustentáveis quando incentivada por chefes de estado ou outros entes institucionais e organizações não governamentais.

Segundo Allegretti, Barca e Centemeri (2013), pontuando a democracia, a amplitude da crise ecológica e a dificuldade em trabalhar o diálogo que traga de fato alguma resolução, é um desafio maior quando existem setores da sociedade que não colaboram ou ficam alheios à tentativa de parar a atual crise ecológica.

Vários autores se debruçam sobre o entendimento da crise ecológica. Como asseguram Silva Paulitsch e Wolkmer (2011), os novos desafios estão associados aos valores que regulam os resultados da produção interna de um país através do Produto Interno Bruto (PIB). As formas de troca poderiam ser compreendidas como suficientes para suprir as necessidades reais dos seres, partindo do global ao local, preocupando-se com o andamento das atividades sociais que controlam as atividades conjuntas. Corroboram esse entendimento Salgado, Menezes e Sánchez (2019), de que a crise ecológica permite debater a colonialidade da natureza. Estamos falando de uma etapa da própria da formação histórica do Brasil que está sendo intensificada no atual momento político.

Para isso, é necessário produzir/utilizar outras epistemologias ou não poderemos sair da crise da modernidade/colonialidade. Quando falamos de contar uma história a contrapelo, estamos falando da produção de outras narrativas sobre a vida e as relações neste mundo. A Educação Ambiental tem um papel central nesse processo de reescritura de narrativas. (...) Estamos falando na interrupção da continuidade de um processo dotado de raízes estruturais e estruturantes deste território e do padrão de consumo global, calcado na exploração dos recursos naturais e na degradação ambiental das periferias do sistema-mundo moderno-colonial (Salgado, Menezes e Sánchez, 2019, p. 616).

Diante dessa realidade e para que possamos fomentar ideias para a criação de alternativas diferentes e criativas que disponham de soluções para a superação da destruição da natureza e do esgotamento de recursos necessários à vida, propomos a criação de diálogos abertos.

Para Jacobi (2005), a aplicação na formação perceptiva também faz parte da jornada antissistema, quando compreendemos o valor da educação ambiental no processo formativo crítico, na criação de hábitos que tenham capacidade de promover mudança no aparelho produtivo tecnológico. Como evidência Pelicioni (1998), a reorientação das formas de proteção social e cultural também integra o processo de criação de valores na tentativa de diminuir o desequilíbrio ambiental trazido pelas formas de exploração humana e animal na produção desenfreada de bens.

Conforme Salgado, Menezes e Sánchez (2019), é importante compreender que tudo que já existe deve ser colocado em pauta quando se discute o desenvolvimento civilizatório: a terra, a água, o lixo e as espécies que se modificam com o tempo. Simultaneamente, os embates podem fomentar o diálogo sobre o futuro das sociedades e dos ecossistemas.

Neste sentido, pode-se questionar o uso de produtos e seu ciclo no processo de descarte, juntamente com o conhecimento dos povos originários de uma terra que estão nesse ciclo de produção e descarte, respeitando sua cultura de proteção do meio ambiente. Eles são merecedores de respeito identitário e alertam com sabedoria o poder da diversidade.

A formação perceptiva impulsiona pensamentos geradores de mudanças. As práticas de abordagem reducionista, com ênfase na produção acumulativa econômica, podem inviabilizar segmentos que fazem parte da jornada antissistema e contra a crise ecológica atual. É necessário reorientar as formas de proteção social e cultural que integram o processo de criação de valores, com respeito ao meio ambiente, na tentativa de diminuir o desequilíbrio ambiental trazido pelas formas de exploração humana, animal e a produção desenfreada de bens.

3 SISTEMA DOMINANTE DE PRODUÇÃO DE MERCADORIAS

Segundo Benjamin (2015), a atual forma de produção dominante de mercadorias persuade com novas pessoas como produtores e consumidores dos próprios materiais e serviços produzidos. A produção de um material que passa por várias etapas pode confundir e invisibilizar o trajeto, e é conveniente ao atual sistema produzir e vender objetos que gerem frutos ao capital, daí a rentabilidade do lucro às custas dos recursos naturais dizimados e das minorias que sofrem com o impacto desse movimento gerador de riqueza, como a insegurança alimentar e as doenças trazidas pelo excesso da jornada de trabalho mal remunerada.

Como assegura Albert (1992), o segmento econômico atual é um demonstrativo da dominação das relações nacionais e internacionais ocupando grande parte do tempo de vida dos produtores/ consumidores, onde o domínio do privado é impulsionador de ações desenvolvimentistas econômicas e que não garantem a igualdade financeira e as condições adequadas para a vida da coletividade. O composto sistêmico capitalista não supre as necessidades básicas produtivas para regular o mercado, que necessita das minorias servindo de base elementar para a riqueza dos grandes produtores, enquanto degrada o ar, a terra e a água, levando-nos a viver com eminentes arrastos ambientais.

Um dos desafios que temos sobre o pensamento de mudança é restaurar de forma didática a compreensão do sistema atual dominante. Os desejos de consumo que possuímos nos colocam em situações que degradam riquezas naturais, como a fauna e a flora. A conjuntura do capitalismo possui uma economia que requer a troca monetária de serviços ecossistêmicos por coisas que já foram transformadas em utilitários. A diminuição da precificação do trabalho humano e os processos do capitalismo diminuem os custos econômicos para os proprietários das indústrias, mas não diminuem o impacto real de processos industriais:

A apropriação da natureza é a forma mais simples de explicar o sistema capitalista em que estamos inseridos. E isso não só no que se refere à relação entre capital e trabalho, mas também em relação à redistribuição do excedente-valor (do qual a mais-valia é uma parte) entre os não trabalhadores e entre as diversas frações ou formas autonomizadas do capital. (...) Claro que essa etapa capitalista não seria possível sem a mencionada elevação da exploração dos trabalhadores e essa é a consequência, para o trabalho, da disputa entre as diferentes formas autonomizadas do capital (Carcanholo, 2009).

A crítica à vigente conjuntura econômica, que foi mencionada pela ruptura metabólica de Saito e de Lövy, busca evidenciar as formas exploratórias dos recursos naturais e a acumulação de bens, destacando o incômodo das jornadas exaustivas e sistematizadas de trabalho em virtude da acumulação de capital, de acordo com Dal Rosso (2006).

Evidentemente, a aplicação pode ser utilizada para motivar a compreensão do atual sistema de trocas que incentiva o desejo de destruição da natureza com estratégias que momentaneamente suprem as necessidades psíquicas das pessoas que foram moldados a

alimentar a engrenagem mercantil através do acúmulo de coisas repetidas e desnecessárias (Bueno, 2008).

De modo prático, a utilização de objetos do nosso cotidiano demanda ofícios comuns e complexos de produção e consumo, entretanto, saber o momento de parar e repensar certas atitudes tanto do empresariado quanto dos consumidores pode mudar o impacto, por exemplo, do descarte de resíduos. Sabemos que uma mudança deve exigir a união sistêmica das pessoas, então temos a chance de planejar como ter essa mudança, a fim de descobrirmos uma forma de reduzir o consumo de materiais simples e frear a destruição da natureza.

Algumas formas de trabalho substituídas por programas e máquinas produzem o desejado e desempregam o ser humano, antes útil e agora inútil para aquela função. Existem outras formas de trabalho que podem ser alcançadas, mas ainda assim sempre haverá a possibilidade de substituição, o que mostra que há uma obsolescência mesmo para a utilidade humana Serrão (2012).

Ainda para Carcanholo (2009, p. 55):

A verdade é que vivemos em um regime que significa uma verdadeira tragédia para importante porção da humanidade, ao lado da pobreza para grande parte do restante. A perspectiva reformista produz um grande dano político. O capitalismo de amanhã só poderá ser pior do que o de hoje.

Neste sentido, compreender o atual sistema permite desenvolver o intelecto para fins emancipatórios, que não significa não precisar de ninguém para construir ideias e, sim, saber em que momento agir e até onde podemos transitar de um jeito que não degrade o espaço e o sentimento do outro; ter um pouco de realismo sobre as distorcidas relações capitalistas que enraízam a cultura do ter em detrimento do ser e que deixam à margem aqueles que somente querem ser.

É importante estabelecer bases que dão seguimento à linha de raciocínio que cada estudo sugere. Por isso, até quanto à saúde estamos dispostos a doar em prol de um objeto artificial com durabilidade programada? Quanto tempo de vida com qualidade junto àqueles que amamos estamos dispostos a abdicar? (Cardoso, 2013).

É possível fazer parte deste século, atender as expectativas evolutivas e ainda assim ter o pensamento crítico com as atitudes que tomamos na caminhada individual e coletiva,

também descansar um pouco mais e perceber as necessidades do corpo que dá sinais de desgaste ao invés de acelerar o ritmo produtivo onde ocupa horas livres entre o trabalho e as obrigações da habitação moderna.

Então podemos modificar nossas ações que possam prejudicar a natureza, para receber a recompensa de um ambiente limpo e bom de viver. Como nos elucidada Teixeira (2023), a expressão ócio criativo foi criada pelo sociólogo italiano Domenico de Masi, e utilizamos hoje para justificar o tempo de descanso que todos precisam, mentalmente e corporalmente. Podemos utilizar esse conceito na prática, para a natureza também, dando espaço para ela crescer quando retiramos frutos ou algum insumo dela.

Diante do exposto cabe discutir e seguir a contribuição da corrente ecossocialista no entendimento da crise ecológica a partir das obras selecionadas dos autores Löwy e Saito.

4 O QUE É ECOSOCIALISMO E O CONCEITO PARA KARL MARX

Segundo Löwy (2021), o ecossocialismo é parte da rede materialista que adentra nas inicializações da ecologia e suas denúncias de mau uso dos recursos naturais, na tentativa constante de organizar para pensar melhor sobre a forma de lucro do capital e seus soldados capitalistas, que insistem na ideia de rapidez para a eficiência, a preço de destruição e rastro de morte.

Como assegura Seferian (2019), o ecossocialismo é o questionamento, a dúvida, a fadiga das atividades que grande parte da sociedade realiza, para satisfazer desejos induzidos pelo sistema, tais como a compra, o descarte, o acúmulo de infinitos materiais, onde vários grupos sociais sentem e vivenciam o desejo de mudança política que verdadeiramente faça a transição da atual forma de produção e uso de objetos para formas sustentáveis.

Temos a oportunidade de facilitar o mapeamento das condições metodológicas atuais da crítica ecossocialista vigente, de troca metabólica materialista que compõem a força de trabalho humano, o tecido exploratório da dominância territorial, o acúmulo excessivo de riqueza monetária para uma minoria, a exclusão de serviços essenciais à saúde humana e tantas outras privações e manter uma jornada existencial saudável para o planeta:

(...) uma continuação dos socialismos de fins do século XIX e início do século XX, com a incorporação dos problemas ambientais que expressam a

crise ecológica, que atingiu magnitude global em fins daquele século e início do XXI. Fundamenta-se na perspectiva de que capital é o resultado da atividade humana, trabalho que transforma ideias e relações sociais em objetos, mercadorias, coisificando-as como objetos de troca e crítica, portanto, essa alienação, a separação capitalista entre produtores e meios de produção (DE ALMEIDA, 2015).

Como se pode verificar nessa citação, a corrente ecossocialista é aplicada na edificação de uma política econômica a contribuir com atitudes de impacto, gerador de metamorfose gradual, refletindo o tempo que dedicamos a entender o porquê das coisas e de como funciona o impacto do lixo que produzimos, que é gerado a uma velocidade maior do que sua capacidade de degradação.

Caporal e Costabeber(2002) afirmam que a aplicação pode ser utilizada para compor pensamentos na atmosfera que habitamos que respeitem os espaços criativos e produtivos dos povos originários da terra, que possamos trabalhar a necessidade alimentícia com a agroecologia, uma forma livre de agrotóxicos para a produção de alimentos, confiar no tempo que pode passar um pouco mais devagar, para uma colheita diversa e saudável.

Desbloqueando nossos pensamentos produtivistas que cercam nossa potência de crescimento, e questionando: que tipo de crescimento queremos? Existe o crescimento da sensibilidade, do cuidado com as pequenas coisas, com a terra que nos traz frutos, com a pureza dos rios e tantas outras coisas que formam o suporte para a vida no planeta terra, e que sofrem com a atual desordem ecológica global.

Existe também o crescimento excessivo monetário, que alguns poucos detêm, enquanto outros trabalham incessantemente acreditando na falácia do enriquecimento por esforço contínuo, a qual, além de degradar a terra, o ar e a água, degrada do mesmo modo a si mesmo, com doenças do trabalho. Cita-se como exemplo o patriarca de uma família que mora em zona rural e decide trabalhar para o agronegócio, pulverizando manualmente defensivos químicos em monoculturas, estando com pouco equipamento de proteção individual. Além de contaminar a terra, adocece a ele e a sua família quando retorna para a casa com suas roupas habituais (Freitas, Bonfatti e Vasconcellos, 2022).

Ainda para Almeida (2015, p. 808):

Finalmente, faz-se necessário ressaltar que o conceito de necessidades se encontra intrinsecamente inserido na práxis histórica das sociedades; no caso, o sistema capitalista globalizado, vigente e hegemônico, produz “necessidades” das mais diversas, coisas-mercadorias, sem as quais poderíamos sentir insatisfeitos. (...). O sistema produtivo capitalista hegemônico em nível global tem como pressuposto inevitável o crescer ou morrer, interferindo de forma destrutiva nos processos de relação metabólica homem – natureza; por isso, a colaboração da ecologia política ao socialismo, que foi colocado por muitos no “lixo da história”, possibilita-o de se renovar e se reciclar pela inultrapassável história!

Neste sentido, a corrente ecossocialista permite edificar o conceito de como valorizar a vida e adequar espaços verdes para a convivência com a natureza de forma branda considerando o bem-estar dos seres, introduzindo ações que fomentem revitalização cultural da preservação ambiental, por dentro da economia social-natural de postura anticapitalista. Existe a acumulação de capital e suas ligações perigosas que degradam e oprimem quem está inserido nesse sistema.

Logo, é importante compreender que a natureza não precisa ser dominada ao ponto da exaustão, ela pode fornecer meios para a sobrevivência e atender as necessidades, desde que haja um limite para o uso dos materiais. O ser humano pode ser sensível se formar mentalmente que o planeta tem recursos finitos, que tudo que produzimos continua dentro da ecossfera, e que fazemos de casa porque todo recurso necessita de tempo e cuidado para manutenção.

Löwy (2021) assegura que o limite de uso de materiais pode ser dado em forma de manutenção, preservação e revitalização de materiais que já existem, para dar tempo de reavaliar o crescimento imediatista dos objetos. Neste sentido, vemos como a materialização de um sonho de tornar o atual sistema mais limpo de rejeitos, para coabitarem em uma sociedade que repense o exagero de coisas materializadas, podendo levar a terra e o trabalhador a um desgaste desnecessário. Para isso o investimento de tempo em demandas para a sociedade deve ser sensibilizado nos ideais presentes e futuros.

5 O ECOSSOCIALISMO: OLHARES INTERPRETATIVOS DE MARX

A obra de Kohei Saito que explica o socialismo de Karl Marx dialoga sobre até onde vai a ecologia marxista, sabendo que não é possível falar de toda a questão ecológica num recorte das ciências naturais dos problemas ambientais. O saber marxista é diverso, e fala de preservação ecológica. Segundo Saito (2021), o ecossocialismo de Karl Marx: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política é uma análise histórica do pensamento marxista sob a ótica ecológica, passando por fases dos movimentos materialistas, que levam a uma ligação conflituosa do ser humano com a natureza, dando discernimento de cuidar das condições materiais de produção, numa visão metabólica, para assim reorientar as ferramentas de produção.

Como assegura John Bellamy Foster no *A ecologia de Marx: materialismo e natureza* (2005), o ecossocialismo de Karl Marx: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política é uma extensão argumentativa político-econômica para os estudos ecológicos, com o intuito de estabelecer uma sensibilidade de cuidado com a terra. Para a referida autora, a "questão ecológica reduz-se antes e acima de tudo a uma questão de valores, ainda que a questão ainda mais difícil da compreensão da evolução das inter-relações materiais (...) entre os seres humanos e a natureza não seja, pois, minimamente alcançada."

O ecossocialismo de Karl Marx: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política mostra caminhos referenciais que dialogam tanto com os atuais fundamentos ideológicos protetivos sobre a natureza quanto com os preceitos indicados por Marx sob a análise de Saito, de estudos que falam da lógica do capital de ter tudo aquilo que estiver ao alcance, deixando no esquecimento o ser e suas infinitas possibilidades, e muitas delas agridem minimamente o planeta Terra:

O ecossocialismo de Karl Marx: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política permite "tal ressurgimento do que poderíamos chamar de um conservantismo subjetivo não é unicamente imputável ao reforço da repressão social; diz respeito igualmente a uma espécie de crispação existencial que envolve o conjunto de atores sociais. O capitalismo pós-industrial que, de minha parte, prefiro qualificar como Capitalismo Mundial Integrado (CMI) tende, cada vez mais, a descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e de serviços para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividade, por intermédio, especialmente, do controle que exerce sobre a mídia, a publicidade, as sondagens etc" (GUATTARI, 2001, p. 30 e 31).

Como se pode verificar nessa citação, o ecossocialismo de Karl Marx: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política é aplicado de forma gradativa, na forma de pensar e colocar em prática ações para produção de bens e serviços, onde possamos trabalhar maneiras ecologicamente sustentáveis, identificando a viabilidade para os ambientalistas, economistas e ecologistas, para que possam diluir as ideias para compor uma rede eficaz de mudanças.

Evidentemente, a aplicação pode ser utilizada para defender as boas ideias de Marx sobre a ecologia, que dão base importante para muitos estudos e pensamentos para uma sociedade socialista, que coleciona os meios de produção para uma melhor distribuição de renda e diminuição dos danos causados pelo excedente das produções.

Analisando a forma de manipulação química dos solos com o processo de agricultura em larga escala, que impactos tem na natureza? Mesmo sabendo dos impactos negativos, vamos permanecer nesse círculo vicioso de acumulação rápida? É necessário tornar consciente o maior número de pessoas, cada uma com parcelas de contribuições distintas, mas igualmente importantes.

São muitas as formas de trabalhar considerações da natureza em traçados de Saito (2021) que galgam o sonho de descarbonizar a sociedade antes de 2030, como ele cita em seus estudos, que especialistas já apontam antes. Cita-se, como exemplo, escalar o modelo de manejo biológico com o mínimo de defensivos possível na agricultura de larga escala, potencializando os defensivos naturais que causem menor impacto no produto, dando autonomia ao produtor e conseqüentemente diminuindo seus custos de produção.

Ainda para Guattari (2001, p. 41 e 42):

Fazer face à lógica da ambivalência desejante, onde quer que ela se profile - na cultura, na vida cotidiana, no trabalho, no esporte etc. -, reapreciar a finalidade do trabalho e das atividades humanas em função de critérios diferentes daqueles do rendimento e do lucro: tais imperativos da ecologia mental convocam uma mobilização apropriada do conjunto dos indivíduos e dos segmentos sociais.

Nesse sentido, permitimos mostrar viabilidade de pesquisa no campo ecossocialista com os estudos de Marx de base ecológica, com o intuito de experienciar disseminar a possibilidade de viver com motivações diversas e de cunho cultural que trazem prazer para

além do ganho e do acúmulo de capital, e que possam verdadeiramente estabelecer hábitos menos danosos à natureza.

Gonçalves (2012) visualiza a possibilidade de que toda energia gasta indevidamente sugere um desequilíbrio que chega até nós sob a forma de catástrofes ambientais e doenças para os trabalhadores, que perecem ainda mais quando não possuem dinheiro suficiente para a troca de mercadorias adequadas para fugir da problemática da poluição. Aqueles que compreendem a raiz do problema sabem que dá para fugir, mas não se esconder.

Logo, é importante compreender que a sociedade contemporânea a que pertencemos possui práticas que degradam, exploram e exaurem o meio ambiente há décadas, com uso excessivo de água nas indústrias, desmatamento e contaminação de rios. Encontra-se a necessidade de retroceder a produção excessiva de materiais objetificados e aos poucos amortizar a química e a fertilidade do solo, para que fiquemos longe da devastação e do desequilíbrio ecológico.

A degradação do solo é um problema global, o cultivo de plantas e a fertilidade do solo adequado precisam ser pensados juntos. Quando inserimos apenas um tipo de cultura em determinado espaço, em alguns anos essa terra vai ter uma carência de nutrientes específicos. O ideal é ter uma rotatividade de culturas analisadas para cada terreno, para repor a perda de nutrientes emprestados dos solos às plantas, devido à maturação das espécies, conforme Martins (2017).

Baseado em Alves (2010), o componente específico para lubrificar a engrenagem da rede de apoio, para aqueles que acreditam no caminho econômico ecológico, continua sendo o materialismo histórico, formado por muitas mãos, com muitas lutas e legados, documentado. Para aqueles que ainda não tomaram consciência de onde, como, porquê e em que tempo vivemos parece comum a presentificação, mas não é uma tarefa fácil, requer entrega, criticidade e permanência de ideais. Por isso a urgência de compreender atitudes que minimizem os impactos trazidos como acessórios dos capitalistas contemporâneos.

6 A CORRENTE ECOSOCIALISTA

O modelo de produção e circulação econômica é a forma como tratamos a relação sociedade-natureza. A sociedade utiliza os recursos da natureza com a justificativa desenvolvimentista e construtivista. Em busca da sobrevivência os seres humanos vendem sua

força de trabalho para adquirir formas de troca de bens. A força de trabalho é transformada em tecnologia, servindo de apoio para a produção de novas formas de criação expansionista desenvolvimentista. Essas formas expansionistas trazem consigo impactos com capacidade de causar desastres em diversos níveis ecológicos.

A sucessão de desastres naturais traz a realidade do excesso, que destoa da necessidade básica e da sobrevivência plena. Os seres humanos vivem em busca de novos objetos que possam lhes trazer felicidade instantânea, como resumo do prazer. Das diferentes opiniões e gostos, existem aqueles que possuem maior poder de troca e, sendo assim, sentem-se no direito de investir em processos expansionistas de caráter ilimitado, desestabilizando a dinâmica de troca de energia natural do ecossistema.

Gaspar (2022) nos ajuda no processo de compreensão do estudo ecossocialista ao salientar a importância de se analisar de que forma o ecossocialismo pode influenciar na atual crise ecológica e buscar adquirir um fundamento de decisão. Apresentar a proposta da corrente ecossocialista como fundamento de decisão na atual crise ecológica.

O modelo atual de expansão é exagerado e confunde a sociedade. A defesa da terra coletiva possui grande mérito no modo de planejamento para preservação biossistêmica. A relação homem-natureza é codependente, e o ser humano depende da natureza para sua sobrevivência, e prende-a de forma que ela fica refém das delimitações que o ser coloca como válida para a atualidade. A delimitação do espaço transitório da natureza também está ditada pelo ser, que impõe onde ela pode nascer, crescer e viver até determinada circunstância.

Pode-se observar que há restrições invisíveis para o desenvolvimento da natureza livre devido à complexa relação de consumo presente na sociedade capitalista. O conjunto que esculpe os vínculos de dependência ao capital faz com que a mesma mão que produz o objeto x , consuma o mesmo objeto x por um preço elevado, pois agora adesivado, dito objeto x^2 , possui valor maior porque foi adicionado o que antes não tinha, embora tendo a mesma funcionalidade de quando chamado apenas de objeto x . No presente agrupamento financeiro o que importa é possuir o novo e ter o objeto moderno.

Para tanto, é necessário conhecer o valor de uso para saber lidar com o valor de troca, pois quem detém o poder tem o passe livre para delegar e decidir. Pensar o poder que temos é útil para decidir que utensílios usar e em que tempo-espaço. Como já mencionado aqui,

alguns possuem pouco poder de troca e outros possuem muito poder de troca. Vale destacar que todos têm poder, o da decisão é um dos maiores que possuímos, ainda que essa percepção fique encoberta pelo materialismo.

É consentido reparar que a maior incitação da configuração do ecossocialismo na crise existente na modernidade, segundo os autores Löwy e Saito, está concatenada com o modo estabelecido que escolhemos como ligação mercadológica e financeira. A política econômica atual não sugere cessar a expansão ilimitada, pelo contrário, edifica novas formas de criação de materiais de produção. A influência do ecossocialismo se dá sob sua essência, no intuito de motivar a adição e revisão do materialismo histórico e dialético, componente da era moderna que vivemos.

No emaranhado de informações de acesso livre, composto por pesquisadores de formação diversa, importa destacar o cerne da crise ecológica diante do desafio "multiplicidade militante pertinente". A dúvida que se coloca é que tipo de polêmica se aprofunda em alusão à crise ecológica. Percebe-se a necessidade da totalidade na modernidade mediante a análise da espoliação da natureza e seus respectivos impactos, identificando as grandes potências dirigentes dos capitalistas, sem esquecer das formas de alienação do trabalho, pilar do capital, conforme Foster (2005).

Com base nas pesquisas dispostas, a corrente ecossocialista possui metodologia histórica, procura apontar a forma de produção, evidencia a necessidade de abrigo conservacionista dos bens naturais, identifica desassossegos sociais e políticos. Além disso, é ponte para incentivos descritivos das complicações ambientais do século moderno. Nota-se uma presteza em localizar os delineamentos do conflito ecológico através dos pensadores ecossocialistas, que incentivam a tomada de consciência de acordo com a ótica conservacionista.

Vale destacar que o desenvolvimento do ecossocialismo é composto por muitas mãos, e os ingredientes argumentativos para a tomada de consciência do atual sistema podem ser utilizados em outras disposições. O que importa nesse caso é o abrigo da racionalidade ecológica com uma organização social macro. Outros pensadores apenas defendem uma mitigação ecológica, o que não destoa das justificativas em prol do lucro. É indispensável a reorientação da forma de conduzir as tecnologias presentes para distinguir as prioridades de aplicações nacionais e internacionais.

Posto isto, apresentam-se as seguintes sugestões: permanecer nas pesquisas do processo evolutivo do capitalismo; evidenciar as preocupações acerca de mudanças climáticas no sistema econômico adaptado aos limites ecológicos; estimular a construção de trocas socioecológicas; reputar custos e impactos como parte da produção; e debater a magnitude do ecossocialismo. Além do mais, é legítima e intuitiva a demanda da produção audiovisual, por elemento dos pesquisadores, o que é capaz de concernir um tanto de astúcia dentre a regionalização econômica ecológica, e o planejamento de políticas públicas ambientais.

7 O que é possível aprender com a leitura das obras de Löwy e Saito?

O ecossocialismo é fonte de discernimento para o pensamento econômico ecológico, em defesa da fertilidade do solo, das florestas mantidas em pé, e da busca da aprendizagem com os povos originários, que historicamente estão em defesa da terra. A permanência de um pensamento ecossocialista requer identificar onde estão as ações que colapsam a natureza, questionar por que isso está acontecendo no sistema-mundo (Conceito do Porto-Goncalves, 2015), quais são os atores responsáveis pela degradação ambiental e identificar soluções para tentar frear os consequentes danos ecológicos. Os efeitos da dominação da natureza são fruto do consumo desenfreado, que gira em torno da produção e do acúmulo de bens e riquezas.

Em sua totalidade, a corrente ecossocialista busca evidenciar a incompatibilidade do sistema de dominação econômica com a existência saudável e sustentável da natureza, tão necessária. Como exemplo, existem na modernidade alguns efeitos dessa dominação, como a atual crise ecológica, que resulta do desmatamento nos biomas brasileiros e na mudança climática global, implicando muitas vezes a degradação de ecossistemas, a perda de biodiversidade e a insegurança alimentar.

A corrente ecossocialista mostra a conjuntura do sistema econômico-político atual representando um sistema de descarte de materiais excessivo aliado à desigualdade social. Uma possível solução para esse ciclo é a ruptura metabólica (SAITO, 2021), discutida e citada por Saito e Lövy, que consideram combater o capital com a anunciação dos impactos ecológicos negativos na natureza. Isso porque todo processo que constrói meios de acúmulo de capital usa os insumos da natureza, que é impactada com esse saque de matéria-prima. É necessário identificar os tipos de relações entre o homem e a natureza que estão focados na compreensão ecológica.

Em face do método econômico dominante global, a força de trabalho do capital continuará a produzir novidades no mercado. Os capitalistas procuram se evidenciar pelo novo e pelo moderno. Uma das maneiras atrativas está nas redes sociais, configurado como *marketing* de influência (MARCÃO, 2022).

A apropriação da natureza pela sociedade atual, serve aos processos capitalistas e pode se tornar alvo de destruição devido ao desejo de mudança e necessidade de acumulação generalizada, de acordo com De Oliveira (2002). Podemos entender a corrente ecossocialista como o pensamento sobre a gravidade do impacto do atual sistema econômico sobre as relações humanas com a natureza. Certamente, trata-se de refletir sobre o período que vivemos e o compromisso dos seres humanos firmados em acordos econômicos e os resultados dessas ligações, sejam elas vantajosas ou desvantajosas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Presentemente, não há uma proteção ou soluções às problemáticas aqui apresentadas. A forma mais eficaz é a documentação de ideias exploratórias descritivas, pois a compreensão ecológica caminha para as mudanças dos paradigmas atuais. Isso acontece por causa do sistema econômico dominante, que mesmo criando medidas que minimizem os impactos ecológicos, continuam a investir em novas formas de lucro (degradação). É significativo interpretar como as relações de troca funcionam e com quais instrumentos.

O estudo viabilizou uma análise de como funciona o sistema econômico vigente, uma ponderação em relação à proteção ambiental e às complexidades encontradas ao elaborar esta pesquisa, bem como proporcionou examinar o modo de produção e consumo no mundo capitalista e ponderar como esse modelo econômico fere a natureza.

Os pesquisadores da área apresentaram como a sociedade pode intervir com elementos de conscientização, entretanto coexistem com seus entraves pessoais e temporais. Grande parte dos ecossocialistas detêm logicidade ecológica, mas os preceitos estabelecidos em sociedade repelem ideias advindas desses cientistas.

Do mesmo modo, ecologistas sustentam a relevância do assunto e se agarram às representações de preservação. Perante as polêmicas causadas pela ordem capitalista,

adquiriu-se uma lógica de estudo sobre uma solução para a crise ecológica, sendo pertinente e de dimensão coletiva.

Löwy apresenta ideias capazes de mostrar a relação entre o ecossocialismo e Marx, capaz de desdobrar tecidos marcantes para a conjuntura ecossocialista, onde investigadores examinaram suas perplexidades por meio de indagações com o desejo de extrair resoluções. Já o livro de Saito, igualmente analisado em direção à investigação, oportunizou uma passagem histórica por fases do ecossocialismo.

O ecossocialismo pode ser uma consulta do interesse de quem deseja argumentar contra a crise ecológica é peça-chave para a mudança da relação do homem com a natureza. Dada a relevância do assunto, é importante aperfeiçoar o debate ecossocialista em outras pesquisas como um degrau de reflexão da crise ecológica. Através do estímulo às aptidões e proficiências que sustentam a consciência ecológica, é possível fazer um debate sobre a natureza e, assim, gerar uma sociedade conservacionista.

O discernimento da proporção do conflito das atividades humanas com os biossistemas dá aos pesquisadores os argumentos necessários para subsidiar com sensibilidade/experiência os saberes às novas gerações, para que estas tenham uma resposta preservacionista ao sistema capitalista de modo consequente.

REFERÊNCIAS

- ALBERT, Michel. **Capitalismo versus capitalismo**. Edições Loyola, 1992.
- ALENCAR, Ane et al. **Desmatamento na Amazônia: indo além da " emergência crônica"**. Belém: **Ipam**, 2004.
- ALLEGRETTI, Giovanni; BARCA, Stefania; CENTEMERI, Laura. Crise ecológica e novos desafios para a democracia. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 100, p. 05-10, 2013.
- ALMEIDA, Jozimar Paes de. Ecosocialismo e a contribuição de seu ideário político: o Manifesto Ecosocialista Internacional. **Diálogos**, v. 19, n. 2, p. 781-811, 2015.
- ALVES, Alvaro Marcel. O método materialista histórico-dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 9, n. 1, p. 1-13, 2010.
- ALVES, ER de A. **Pesquisa básica e pesquisa aplicada**. 1985.
- BUENO, Chris. A insustentável sociedade de consumo. **ComCiência**, n. 99, p. 0-0, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **O capitalismo como religião**. Boitempo Editorial, 2015.
- CARCANHOLO, Reinaldo A. A atual crise do capitalismo. **Crítica marxista**, v. 29, p. 49-55, 2009.
- CARDOSO, Ana Claudia Moreira. Organização e intensificação do tempo de trabalho. **Sociedade e Estado**, v. 28, p. 351-374, 2013.
- CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: enfoque científico e estratégico. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**, v. 3, n. 2, p. 13-16, 2002.
- DA SILVA PAULITSCH, Nicole; WOLKMER, Maria de Fátima Schumacher. Ética ambiental e crise ecológica: reflexões necessárias em busca da sustentabilidade. **Veredas do Direito: Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável**, v. 8, n. 16, p. 211-211, 2011.
- DAL ROSSO, Sadi. Jornada de trabalho: duração e intensidade. **Ciência e cultura**, v. 58, n. 4, p. 31-34, 2006.
- DE OLIVEIRA, Ana Maria Soares. **Relação homem/natureza no modo de produção capitalista**. PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho, v. 3, 2002.

DE PASSOS, Priscilla Nogueira Calmon. **A conferência de Estocolmo como ponto de partida para a proteção internacional do meio ambiente**. Revista Direitos Fundamentais & Democracia, v. 6, 2009.

ESPARTA, A. Ricardo J. et al. **Principais Conclusões do Terceiro Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima**. In: Apresentado no IX Congresso Brasileiro de Energia. 2002.

FOSTER, John Bellamy **A ecologia de Marx: materialismo e natureza** I John Bellamy Foster; tradução de Maria Teresa Machado. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FREITAS, Lucinéia Miranda de; BONFATTI, Renato; VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel de. Impactos da pulverização aérea de agrotóxicos em uma comunidade rural em contexto de conflito. **Saúde em Debate**, v. 46, p. 224-235, 2022.

GASPAR, Filipe André Reduto. **Ecosocialismo e sustentabilidade**. 2022. Dissertação de Mestrado.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Teoria fundamentada: nova perspectiva à pesquisa exploratória**. 2007.

GUATTARI, Félix **As três ecologias** / Félix Guattari; tradução Maria Cristina F. Bittencourt. — Campinas, SP: Papirus, 1990.

GONÇALVES, Luís Carlos Carrilho; GASPAR, Pedro Dinis. Energia, Entropia, Exergia. **ICEUBI**, 2012. Disponível em: [Energia, Entropia, Exergia – Conceitos úteis e eficiências \(ubi.pt\)](#) Acesso em 29 de set, 2023.

JACOBI, Pedro Roberto. **Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo**. Educação e pesquisa, v. 31, p. 233-250, 2005.

LÖWY, Michael **O que é o ecosocialismo?** 1. ed. -- São Paulo : Cortez, 2021. -- (Coleção questões da nossa época ; v. 54)

MARCÃO, Joana Filipa da Rosa. **Marketing de Influência**. 2022. 118 f. Tese de Doutorado (Mestre em Gestão e Direção Hoteleira) - Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar do Politécnico de Leiria. Disponível em: [iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/7906/1/Marketing de Influência.pdf](#) Acesso em: 02 jul 2023.

MARCOVITCH, Jacques. **A gestão da Amazônia: ações empresariais, políticas públicas, estudos e propostas**. Edusp, 2022.

- MARGULIS, Sergio. **Causas do desmatamento da Amazônia brasileira**. 2003.
- MILANEZ, Artur Yabe et al. **O Acordo de Paris e a transição para o setor de transportes de baixo carbono: o papel da Plataforma para o Biofuturo**. 2017.
- MARTINS, J. Casimiro; FERNANDES, Rui. **Processos de degradação do solo-medidas de prevenção**. *Vida Rural*, v. 5, n. 1827, p. 34-36, 2017.
- OLIVEIRA, Adriano Santhiago de; MIGUEZ, José Domingos Gonzalez; ANDRADE, Túlio César Mourthé de Alvim. **A convenção sobre mudança do clima e o seu protocolo de Quioto como indutores de ação**. 2018.
- PECCATIELLO, Ana Flávia Oliveira. Políticas públicas ambientais no Brasil: da administração dos recursos naturais (1930) à criação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (2000). **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 24, 2011.
- PIZZANI, Luciana et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012.
- POUPART, Jean et al. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**, v. 2, p. 215-53, 2008.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Pela vida, pela dignidade e pelo território: um novo léxico teórico político desde as lutas sociais na América Latina/Abya Yala/Quilombola**. *Polis. Revista Latinoamericana*, n. 41, 2015.
- PELICIONI, Maria Cecília Focesi. **Educação ambiental, qualidade de vida e sustentabilidade**. *Saúde e sociedade*, v. 7, p. 19-31, 1998.
- SEFERIAN, Gustavo. Onze proposições sobre o direito do trabalho desde a perspectiva ecossocialista. **Teoria Jurídica Contemporânea**, v. 4, n. 1, p. 89-110, 2019.
- SERRÃO, Daniel. A Natureza Humana: Obsoleta ou Civilizada?. **Revista Portuguesa de Filosofia**, p. 483-503, 2012.
- SAITO, Kohei, 1987- **O ecossocialismo de Karl Marx : capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política / Kohei Saito** ; tradução Pedro Davoglio ; [prefácio Sabrina Fernandes]. - 1. ed São Paulo : Boitempo, 2021.
- SALGADO, Stephanie Di Chiara; MENEZES, Anne Kassiadou; SÁNCHEZ, Celso. A colonialidade como projeto estruturante da crise ecológica e a educação ambiental desde el

sur como possível caminho para a decolonialidade. **Revista Pedagógica**, v. 21, p. 597-622, 2019.

SECAF, Beatriz Stuart. O acordo de paris. **Agroanalysis**, v. 36, n. 1, p. 34-35, 2016.

TEIXEIRA, Vitória Guimarães et al. **REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O ÓCIO E A CRIATIVIDADE E COMO ALGUNS DISTÚRBIOS PSÍQUICOS PODEM CONTRIBUIR NEGATIVAMENTE PARA O DESENVOLVIMENTO PESSOAL**. RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218, v. 4, n. 8, p. e483743-e483743, 2023.

ZANELLA, Liane Carly Hermes et al. **Metodologia da pesquisa**. SEAD/UFSC, 2006.

